



**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

RUTH PINTO DA SILVA

**LETRAMENTO E GÊNEROS TEXTUAIS: SEUS
FUNDAMENTOS**

**GUARABIRA – PB,
NOVEMBRO DE 2013.**

RUTH PINTO DA SILVA

LETRAMENTO E GÊNEROS TEXTUAIS: SEUS FUNDAMENTOS

Artigo apresentado ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como exigência para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Ms. Monaliza Rios Silva.

GUARABIRA – PB,
NOVEMBRO DE 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586l Silva, Ruth Pinto da

Letramento e gêneros textuais: seus fundamentos / Ruth
Pinto da Silva. – Guarabira: UEPB, 2014.

17 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof^ª. Ma. Monaliza Rios Silva.”

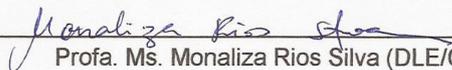
1. Leitura 2. Gêneros Textuais 3. Letramento. I. Título.

22.ed. CDD 371.12

FOLHA DE APROVAÇÃO

O artigo "Letramento e Gêneros Textuais: seus fundamentos", da autora **Ruth Pinto da Silva**, foi apresentado no dia 12/11/2013, obtendo a nota: oito (8,0).

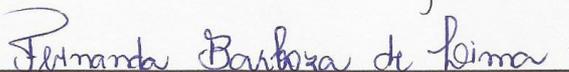
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Ms. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB – Orientadora)



Profa. Dra. Marisa Tayra Teruya (DLE/CH/UEPB – 1ª Examinadora)



Profa. Ms. Fernanda Barboza de Lima (DLE/CH/UEPB – 2ª Examinadora)

GUARABIRA – PB
NOVEMBRO DE 2013.

RESUMO

O presente artigo é um breve estudo sobre a importância do Letramento e dos Gêneros Textuais, enfatizando o poder do discurso e da comunicação. Ressaltamos, também, a relevância do trabalho com Gêneros Textuais para desenvolver as habilidades dos alunos com a leitura e a escrita. Como fundamentação teórica do presente trabalho, usaremos Machado (2007), Soares (2006), Marcuschi (2005) e Bagno (2002). Por fim, sugerimos uma proposta metodológica diferenciada, para se realizar atividades que envolvam os alunos e, assim, contribuir com a prática de leitura e escrita.

Palavras-chave: Leitura. Gêneros Textuais. Letramento.

INTRODUÇÃO

O ensino tradicional tem se limitado apenas a ensinar nossos alunos a ler e a escrever, de forma decodificada. Em decorrência disso, os ensinamentos de Língua Portuguesa, de Literatura e de Produção de Texto vêm se tornando cada vez mais monótonos e repetitivos. Os alunos não têm oportunidades de produzir diferentes textos (aqueles diferentes da dita “redação”). Conseqüentemente, os alunos têm dificuldade em desenvolver e fazer uso de habilidades de leitura e de escrita.

A partir disso, o presente artigo foi elaborado com base nas discussões de Machado (2007), Marcuschi (2005), Bagno (2002) e Soares (2006), a fim de estudarmos e conhecermos melhor os gêneros e os tipos textuais. Também ficamos a par do que é Letramento e como tais noções podem influenciar e mudar totalmente o ensino. Enfocamos a importância dos mesmos como instrumentos de incentivo à leitura e à produção de textos, uma vez que tais conceitos da Linguística Aplicada ao Ensino permitem ao aluno desenvolver suas práticas de leitura e de escrita e, ao mesmo tempo, proporcionam uma interação comunicativa do aluno com os demais indivíduos na sociedade.

Inicialmente, falamos sobre o que é Letramento. Em seguida, sobre Gêneros Discursivos, representações linguísticas, esferas da linguagem e do discurso. Além disso, falamos dos Gêneros Textuais (e suas tipologias), os elementos composicionais, sua contribuição para a prática comunicativa e, concluindo, com a importância de ambos no ensino das disciplinas do mesmo campo de Língua Portuguesa.

1. O QUE É LEITURA?

Podem-se ter vários conceitos do que é leitura, porém tudo leva a um único sentido: o da atividade de ler. Esta, por conseguinte, é a capacidade de identificar e compreender as palavras escritas, como afirma Lajolo (1982, p. 59):

[...] ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado [...] reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela

Então, ler não é apenas decodificar o texto; é também conseguir compreendê-lo e relacioná-lo a outros tipos de leitura (textos) e, a partir disso, tirar algum proveito para o aprendizado ilimitado do indivíduo. Porém, não fazemos leituras apenas de palavras. Também fazemos leitura de gesto, de sons, de aromas entre outros, que, na verdade, seriam o início da leitura da palavra.

Segundo Freire (2001, p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Sendo assim, pode-se entender que a leitura da palavra é a continuação da leitura do mundo. Percebemos, assim, que a interpretação da palavra vem naturalmente depois de lermos o mundo, ou seja, primeiro lemos o mundo, em seguida fazemos a leitura da palavra. Ambas as leituras estão paralelas e deve haver relação uma com a outra.

Lemos para buscar informações, instruímo-nos, por passatempo e, ainda, ao lermos usamos nossa imaginação. Enfim, lemos por vários motivos e quando estes motivos vierem junto com o prazer de ler, então a leitura se tornará mais proveitosa. A respeito disso, seguem duas perspectivas sobre a leitura.

Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar (MORAIS, 1996, p. 12).

Há várias maneiras de sonhar [...] A melhor maneira de começar a sonhar é por meio dos livros [...] Aprender a dedicar-se totalmente à leitura, a viver inteiramente com os personagens de um romance – eis o primeiro passo (PESSOA *apud* MORAIS, 1996, p. 13).

Portanto, a leitura é um meio de adquirir informação, como também uma forma de adquirir prazer (que deveria ser o principal motivo para ler). Segundo Morais (1996), a aprendizagem da leitura é uma peça representada por três atores em que o ator principal é a criança, os outros dois são a família e a escola e é em casa onde tudo começa, com o incentivo da família. Também é na escola, onde a criança busca (e acha) inspiração. Dessa forma, podemos observar o quão é valiosa

a participação da família e também da escola no crescimento educacional da criança.

É a partir desse crescimento educacional da criança, que vemos a presença da leitura e como será o seu desenvolvimento nesta e também na escrita, pois, como sabemos, essas duas noções andam juntas. De acordo com Freire (2001, p. 48), ler e escrever são “momentos inseparáveis de um mesmo processo – o da compreensão e do domínio da língua e da linguagem”. Então a leitura e a escrita são de suma importância para o desenvolvimento da língua e da linguagem da criança; uma depende da outra: quanto mais se lê, melhor será a escrita.

2. LETRAMENTO

Muitos não sabem o que significa ou até mesmo não conhecem essa palavra, embora outras palavras (com sentido negativo) sejam mais familiares aos ouvidos das pessoas, como por exemplo, analfabetismo que é definida pelo dicionário como: “estado ou condição de analfabeto [...] que não possui instrução, ignorante, ou ainda alfabetização/alfabetizar, ensinar a ler e a escrever” (FERREIRA, 2002, p. 127).

O significado da palavra letramento veio da tradução da palavra da Língua Inglesa *literacy*, já existente:

Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser (como, por exemplo, em *innocency*, a qualidade ou condição de ser inocente). No Webster's Dictionary, *literacy* tem a acepção de “the condition of being literate”, a condição de ser *literate*, e *illiterate* é definido como “educated; especially able to read and write”, educado, especialmente, capaz de ler e escrever. Ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever (SOARES, 2006, p. 17, grifos da autora).

Portanto, o aprender a ler e a escrever (alfabetizar-se) implica na mudança de estado ou condição social, cultural, política e econômica na vida do indivíduo, essas mudanças são designadas *literacy*. Daí que vem o significado de letramento, que é o

estado ou a condição que adquire um indivíduo como consequência de ter aprendido a ler e escrever.

É entendido, pois, que alfabetização é “ensinar a ler e escrever” e letramento é o estado ou condição de quem, além de saber ler e escrever, põe em prática a leitura e a escrita. Pode-se dizer que é um estágio superior ao alfabetismo. Sobretudo, vale ressaltar que há nível de letramento que avalia, segundo Soares (2006), o uso que as pessoas fazem da leitura e da escrita.

3. GÊNEROS DISCURSIVOS/ TEXTUAIS

Em *A Poética*, de Aristóteles (2001), os gêneros são classificados como obras da voz (formas de representações). Antes, porém, Platão, em *A República* (2000), faz relações entre realidade e representação. Dessa forma teria surgido a prosa comunicativa, ou seja, interação que se realiza através do discurso, do diálogo. Portanto, estudos de Platão e Aristóteles serviram como base teórica do que se entende como gênero. Mais tarde Mikhail Bakhtin (1997) desenvolveu estudos sobre gêneros discursivos, onde gêneros e discursos passam a ser vistos como “esferas de usos da linguagem verbal”.

Bakhtin (1997) faz alusão ao romance em seus estudos, nele encontrou “a representação da voz na figura dos homens” mostrando diversidade nas formas discursivas da oralidade e também possibilidades de combinação não só de gêneros, mas de discursos. Já Irene Machado (2007) afirma que a prosa é um fenômeno de permeio, passando de uma cultura a outra, evoluindo suas práticas comunicativas e, assim, usando os gêneros discursivos (em que se organizam os textos) em suas diferentes esferas de uso da linguagem.

Por sua vez, os gêneros discursivos fazem representações linguísticas na comunicação. Embora exista prejuízo em algumas funções expressivas individuais

do falante e do ouvinte, a mensagem entre emissor e receptor não se dá apenas através da fala, pois há outros meios.

Sabemos que o diálogo é a principal forma de comunicação, porém não é o único meio para uso da linguagem. Existem meios que vão além dos domínios da voz, por exemplo, os meios de comunicação de massa e as mídias eletrônico-digitais. Tudo isso faz parte da diversidade dos gêneros discursivos, ou seja, existem vários meios na comunicação para se fazer uso da linguagem na vida cotidiana.

Bakhtin (1997) ainda sugere outras esferas do discurso que vão além da comunicação verbo-visual como, por exemplo, placas na rua ou anúncios luminosos. A estes Bakhtin se refere como polifonia urbana, fato que não exclui a denominação desses gêneros de discursivos e de grande relevância.

Segundo Irene Machado (2007, p. 155), os gêneros discursivos são dispositivos de organização, troca, transmissão e, sobretudo, “elos de uma cadeia que não apenas une como também dinamiza as relações entre pessoas ou sistemas de linguagem e não apenas entre interlocutor e receptor”.

Os gêneros textuais surgiram, digamos, conforme as necessidades e atividades socioculturais, ou seja, os gêneros textuais possuem ligações com a vida cultural e social. Dessa forma, eles tendem a situar-se e integrar-se em função das culturas onde estão inseridos, pois também são práticas sociocomunicativas. Portanto, sofrem variações e, muitas vezes, resultam em outros/novos gêneros. As tecnologias (ligadas à área da comunicação) como o rádio, a televisão, o jornal, a revista e a internet, principalmente, têm contribuído bastante para o surgimento de novos gêneros textuais. A intensidade dos usos e suas interferências na comunicação diária têm sido marcantes e propícias ao aparecimento de novos gêneros, baseados em outros já existentes (como, por exemplo, as cartas eletrônicas).

Certos gêneros possuem uso e funcionalidade próprios. Porém, se usarmos em outro quadro comunicativo e funcional, surgirão novos objetivos, ou seja, o que define ou caracteriza os gêneros textuais não são apenas os aspectos formais (estruturais ou linguísticos), mas também aspectos sociocomunicativos e funcionais. Contudo, em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros,

serão as funções, como também haverá casos em que será o próprio suporte do texto que determinará o gênero.

Marcuschi (2005, p. 21) afirma que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero”, como também “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. Resumidamente, “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. Se a língua é vista como uma forma de ação social e histórica, os gêneros textuais (comunicação verbal) são tidos como ações sociodiscursivas. Sobretudo é necessário fazer distinção entre tipo textual e gênero textual, a saber:

- Os tipos textuais constituem sequências linguísticas abrangendo, em sua estrutura, aspectos lexicais, sintáticos, relação lógica e tempo-verbal.
- Os gêneros textuais são realizações concretas das sequências linguísticas, definidas por composição, conteúdo e estilo (segundo Bakhtin, 1997) e também as propriedades funcionais – não menos importantes.

Em geral, os tipos textuais são conhecidos como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção; já os gêneros textuais são inúmeros: carta pessoal, notícia, romance, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, artigo científico, poesia, *outdoor*, *e-mail*, piada, cardápio, aulas virtuais etc. Muitos, porém, empregam a expressão “tipo textual” de forma errônea, trocam por gênero textual, talvez pelo fato de que no gênero se encontrem tipos textuais, podendo haver dois ou mais tipos (heterogeneidade tipológica). Há casos também, em que um gênero pode assumir a forma de outro, ocorrendo o fenômeno da hibridização ou mescla de gêneros, que é chamado de intertextualidade intergêneros (Vide Anexo I).

Segundo Marcuschi (2005), os tipos textuais são definidos por seus traços linguísticos predominantes. Assim, um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto. Dessa forma, o que denomina um texto narrativo é uma sequência temporal. No descritivo, a sequência é de localização; no expositivo, a sequência analítica ou a explicativa; no argumentativo predomina a sequência contrastiva explícita; e no injuntivo, a sequência imperativa.

Já os gêneros textuais, como diz Bakhtin [1997], são “relativamente estáveis”, são fenômenos sociohistóricos e culturais, por isso não é possível nomeá-los ou caracterizá-los. São formas linguísticas de situações sociais particulares e comunicativas, daí a variação, a composição e classificação dos gêneros.

Tendo em vista que os gêneros textuais possuem capacidade de adaptação, trata-se de uma ação social, quer dizer, os gêneros textuais refletem as estruturas sociais típicas de cada cultura. É importante a relação oralidade e escrita, apesar dos gêneros orais serem pouco lembrados; os gêneros textuais fundam-se em critérios externos: sociocomunicativos e discursivos; e os tipos textuais fundam-se em critérios internos: linguísticos e formais.

Sendo assim, não é apenas questão da forma, mas também de uso adequado. Bakhtin (1997) caracteriza os gêneros em plano composicional, conteúdo temático e estilo. Contudo, não significa que as formas (estruturação) não sejam importantes.

Ao observarmos todos esses modos e condições, fica claro que os gêneros textuais (oral e escrito) são formas de práticas comunicativas e promovem modos de combinação, variação, propiciando dessa forma, oportunidades de se lidar com a língua em seus mais diversos usos na vida cotidiana.

4. LETRAMENTO, GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO

Conforme a definição de Soares (1999, p. 3), o conceito aproximado de letramento é “estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral (grifos da autora)”.

Diante disso, qual seria o verdadeiro objetivo do ensino de língua? Seria levar o aluno a adquirir um grau de letramento cada vez mais elevado, fazendo com que desenvolva suas habilidades de leitura e escrita, permitindo-lhe fazer uso eficiente

de tais técnicas. Contudo, de nada adianta, ensinar a ler e a escrever e não oferecer oportunidades para que esse desenvolvimento (das habilidades) venha a acontecer.

O ensino tradicional tem se limitado apenas a ensinar (depois de ler e escrever) as concepções tradicionais de gramática, seguido de exercícios de classificação morfológica e de análise sintática, tudo muito repetitivo e monótono, como escreve Soares (1988, p. 18),

nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Quer dizer, o professor não deve se contentar em apenas ensinar a ler e a escrever (alfabetizar), mas, além disso, oferecer aos alunos, condições para o desenvolvimento, cada vez maior, das habilidades de escrita e leitura.

Dessa forma, as aulas de português não se limitariam apenas à gramática (tradicional, normativa e prescritiva). Ao invés de nomenclatura e exercícios mecânicos e enfadonhos, deveria-se propor “leitura de material variado (jornal, revista, literatura – especialmente literatura) em alta escala, e na própria escola”; além de “escrita constante, várias vezes por dia, todos os dias: narrativas, cartas etc. Muita leitura e muita escrita, simplesmente porque é assim que se aprende” (POSSENTI, 2001, pp. 143-4).

A partir disso, com base em Marcuschi (2005, p. 16) compreendemos que “a língua se dá e se manifesta em textos orais e escritos ordenados e estabilizados em gêneros textuais para uso em situações concretas”. Portanto, o de estudo da língua e análise das palavras têm de dar lugar ao “ensino-aprendizagem”, através de textos na forma de gêneros textuais. Há uma enorme variedade de gêneros textuais existentes na vida social e o ensino tradicional trabalha apenas com os gêneros mais “famosos” da literatura (o conto, o romance, às vezes, a crônica, raramente a poesia).

Segundo Bagno (2002, p. 35), os gêneros textuais orais estão sendo esquecidos, desprezados por causa do preconceito contra a língua falada, considerada “sem gramática”. Para ele, é importante o estudo das práticas orais

para ampliar o conceito de letramento. Assim, juntamente com a capacidade que os seres humanos sempre tiveram, em diferentes épocas e culturas, centradas em e com a finalidade de “transmitir conhecimentos, preservar a memória do grupo e estabelecer vínculos de coesão social, por meio de práticas que independem do conhecimento de qualquer forma de escrita”.

Bagno (2002, p. 37) fala também de outro tipo de letramento, o letramento digital, em que o computador nos apresenta novos textos (hipertextos), por isso surgem novos gêneros e “novos comportamentos sociais referentes às práticas de uso da linguagem oral e escrita e cobrando de nós novas teorizações e novos modelos de interpretação dos fenômenos da linguagem”.

A prática da redação escolar dificulta bastante o ensino de língua, pois despreza os princípios básicos para a produção do texto. De acordo com Bagno (2002), são eles: quem escreve, o que escreve, para quem escreve, para que escreve, quando e onde escreve, isto é, em que situação cultural, social, temporal e espacial.

A seguir uma proposta de Soares (1999, pp. 4-5), quanto aos objetivos do ensino de língua na escola:

- (1) Promover práticas de oralidade e de escrita de forma integrada, levando os alunos a identificar as relações entre oralidade e escrita.
- (2) Desenvolver as habilidades de uso da língua escrita em situações discursivas diversificadas em que haja:
 - motivação e objetivo para ler textos de diferentes tipos e gêneros e com diferentes funções;
 - motivação e objetivo para produzir textos de diferentes tipos e gêneros, para diferentes interlocutores, em diferentes situações de produção.
- (3) Desenvolver as habilidades de produzir e ouvir textos orais de diferentes gêneros e com diferentes funções, conforme os interlocutores, os seus objetivos, a natureza do assunto sobre o qual falam ou escrevem, o contexto, enfim, as condições de produção do texto oral ou escrito.
- (4) Criar situações em que os alunos tenham oportunidades de refletir sobre os textos que leem, escrevem, falam ou ouvem, intuindo, de forma contextualizada, a gramática da língua, as características de cada gênero e tipo de texto, o efeito das condições de produção do discurso na construção do texto e de seu sentido.
- (5) Desenvolver as habilidades de interação oral e escrita em função e a partir do grau de letramento que o aluno traz de seu grupo familiar e cultural, uma vez que há uma grande diversidade nas práticas de oralidade e no grau de letramento entre os grupos

sociais a que os alunos pertencem – diversidade na natureza das interações orais e na maior ou menor presença de práticas de leitura e de escrita no cotidiano familiar e cultural dos alunos.

É possível compreender que, com esta proposta, pode-se haver a prática de leitura e escrita (textos falados e escritos em situações de comunicação e interação). O objetivo da proposta é simples, a língua deixa de ser vista como apenas regras, para ser uma prática de interação sociocomunicativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização do presente trabalho, podemos observar que, apesar das dificuldades e da “confusão” feita pelas pessoas entre tipo e gênero textual, o conteúdo é ministrado nas aulas de Português, embora não como se espera, mas é passado aos alunos. Outro ponto de discussão é o fato da relevância do letramento, que, com o auxílio dos gêneros textuais, contribui para o desenvolvimento das habilidades e das práticas de leitura e escrita na escola.

Com isso, pode-se perceber a importância de letramento e gêneros textuais na vida cultural dos alunos, embora não se trabalhe, na escola, de forma adequada. Vimos também que a diversidade de textos existentes ajuda o aluno a desenvolver sua capacidade de interpretação e a prática de interação sociocomunicativa.

6. REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Poética**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua Materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura, para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Iluminuras, 1982.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: Conceitos Chave. São Paulo: Contexto, 2007. pp. 151-165.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: PAIVA, A. D. et al. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, pp. 19-36.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2000.

POSSENTI, Sírio. **A Cor da Língua e outras crônicas de Linguística**. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em 3 gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp. 15-25.

_____. **Português**: uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 1999.

_____. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (orgs.). **Leitura** – perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988, pp. 18-29.

ANEXO I

TEXTO01

TROCO ESPOSA
25/45 anos / Cozinha / varre / passa / Excelente estado.

ESPOSA PROCURA
Família que valorize / entenda necessidades
e AJUDE a limpar a casa.

Para fazer parte da experiência televisiva
que está mudando o mundo inteiro...

PARTICIPE!
www.peopleandartsbrasil.com
(Swingers abstenham-se)

E você poderá se ver em Troca de Esposas
todas as quartas-feiras às 22h.

people arts

Fonte: Folha de S. Paulo, 27 jul. 2005.

O gênero textual acima é composto por diferentes tipos textuais:

Descritivo

troco esposa 25/45 anos/cozinha/varre/passa/excelente estado;

esposa procura família que valorize/ entenda necessidades e ajude a limpar a casa.

Argumentativo

para fazer parte da experiência televisiva que está mudando o mundo inteiro...

e você poderá se ver em Troca de Esposas todas as quartas-feiras às 22h.

Injuntivo

Participe! www.peopleandartsbrasil.com/

Swingers abstenham-se.